

Collor

ELE EMPOLGOU AS
CLASSES C E D E JÁ ESTÁ
NO SEGUNDO TURNO

O campeão de votos do primeiro turno das eleições presidenciais é um político com uma biografia contraditória. Só usa ternos bem cortados, aprecia Milton Nascimento e Elba Ramalho, fala quatro idiomas e aparenta menos que os 40 anos que possui. Fernando Collor de Mello, um carioca bem nascido, sai das urnas como a grande surpresa da corrida sucessória, apenas 36 meses após ser eleito governador de um estado pobre, Alagoas. E com um discurso repleto de críticas aos políticos profissionais e ameaças aos "marajás" — aquela casta de funcionários públicos que, com pouco trabalho e muito salário, simboliza todo o apadriñamento que domina a cena política brasileira.

A trajetória de Collor neste últimos meses tem sido curiosa. Ultimamente ele aposentou discretamente o título de "caçador de marajás", e mudou de alvo. Passou a dirigir sua metralhadora contra a corrupção no governo Sarney. Tentou demarcar uma distância "dessa política imoral", como costuma qualificar o fisiologismo e seus políticos oportunistas.

Com essa retórica simples, Collor demonstra as contradições que fazem parte da política brasileira. Para vencer este primeiro turno, ele contou basicamente com o profissionalismo de sua assessoria, além de uma apurada sensibilidade política, principal-



Alegria em Maceió, com direito ao tradicional V da vitória.

mente na hora de abrir a boca — Collor fala exatamente o que o eleitorado deseja ouvir. Com um forte suporte financeiro nesta etapa — calcula-se que tenha gasto 100 milhões de dólares —, o ex-governador foi costurando alianças regionais e pulverizando o PMDB e o PFL, os maiores partidos brasileiros, e faturando adesões para o seu PRN.

"A ascensão de Collor repete um ciclo de contestação à classe

política e às estruturas partidárias", define o cientista político Bolivar Lamounier. A maior contradição do discurso antipolítico de Collor é justamente o passado político do candidato. Ele foi prefeito nomeado de Maceió, deputado federal e governador de Alagoas. Como prefeito, nomeou cerca de três mil funcionários sem concurso na última semana de mandato. Como deputado federal votou em Paulo Maluf, seu padri-

nho de casamento, no Colégio Eleitoral.

O grande salto de sua carreira foi dado em 1986, quando foi eleito governador. Collor obteve projeção nacional em sua luta contra os marajás e nas brigas com Sarney — que atendia, em Alagoas, os interesses regionais do PFL, de oposição a Collor.

Com o seu nome definitivamente conhecido no Brasil, Collor

começou a ensaiar a decolagem de seu voo mais alto — a Presidência da República. Primeiro, lançando o nome de Mário Covas, na esperança de conseguir o cargo de vice na chapa. Depois, aproveitando a insatisfação nacional com a aprovação do mandato de cinco anos para Sarney — contra a qual ele trabalhou abertamente —, intensificando seus ataques ao presidente.

A partir de maio deste ano,

quando deixou o governo de Alagoas para se dedicar integralmente à campanha, Collor não deixou de encabeçar uma pesquisa séria. De 17% das intenções que ostentava em Abril, pulou para 42% das preferências em junho. Foi quando começou a sofrer os ataques mais diretos dos candidatos de esquerda — Lula e Brizola.

As acusações de receber suporte da Rede Globo e de boa parte de políticos que não se enquadraram em seus discursos moralizadores começaram a vir à tona. Entre os nomes que passaram a apoiá-lo a partir do momento em que sua vitória começou a se cristalizar estão Antonio Carlos Magalhães — um dos ministros mais fortes do governo Sarney — e os deputados que fizeram parte do Centrão — aquele bloco que ajudou Sarney a conquistar os cinco anos de mandato na Constituinte.

Até outubro, Collor conseguiu conviver com estas contradições com muita habilidade. Não compareceu aos debates na TV e avisou que aceitaria adesões indistintamente, "mas sem abrir mão de meus princípios". A entrada em cena de Silvio Santos — que certamente lhe roubaria votos nas classes D e E, onde Collor tem maior penetração — foi um susto. Dos 42% das intenções de votos de maio, o "caçador de marajás" chegou a preocupantes 20%, recuperando-se, enfim, com a impugnação de Silvio Santos. Um episódio onde, de novo, sua assessoria atuou com eficácia.